

A (re)produção do espaço capitalista nas áreas de grandes empreendimentos: uma análise comparativa entre os conflitos socioambientais nos Complexos Portuários do Açú e de Suape

The (RE) production of space in the areas of capitalist big projects: a comparative analysis between the conflict in social and environmental Complex and Port of Açú Suape

Nina Maria de Souza Barreto*
Luiz de Pinedo Quinto Júnior**

Resumo

A Região Norte Fluminense vem passando por expressivas transformações nas últimas décadas. Atualmente, a região produtora de petróleo é também palco do maior empreendimento porto-indústria da América Latina: o Complexo Industrial do Superporto do Açú, ainda em construção. Está localizado na porção sul do município de São João da Barra, que vem sofrendo com a transformação de sua área rural em área de expansão da indústria, o que tem gerado conflitos socioambientais como: desapropriação de pequenos produtores, desorganização da agricultura familiar, impactos sobre o ecossistema de restinga e sobre a pesca. Outro empreendimento aqui observado e também concebido como porto-indústria é o Complexo Portuário de Suape, localizado a 40 km de Recife, em Pernambuco. Idealizado com o intuito de não apenas atender à demanda da região, mas ser capaz de gerar novas demandas, Suape vem se consolidando como peça fundamental do desenvolvimento econômico do estado. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo estabelecer uma análise comparativa entre os (possíveis e já existentes) efeitos da construção do Porto do Açú e as transformações ocorridas na área de influência do Porto de Suape, como a desapropriação das populações tradicionais, o êxodo rural, a expansão demográfica e uma tensão social relacionada ao controle dos recursos naturais.

Palavras-chave: Produção do espaço. Porto-indústria. Conflitos socioambientais.

Abstract

The North Fluminense Region has undergone significant transformation in

* Aluna da Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes – Brasil. E-mail: ninasbarreto@gmail.com.

** Doutor e Professor do Mestrado em Engenharia Ambiental do Instituto Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes - Brasil. Email: luizpinedo@uol.com.br.

recent decades. Currently, the oil-producing region is also host of the biggest port-industry enterprise in Latin America: the Industrial Complex of Açú Superport, still under construction, and located in the southern portion of the city of São João da Barra, who has been suffering with the transformation of their rural area in industrial expansion area, which has generated environmental conflicts such as expropriation of small producers, disruption of family agriculture, ecosystem impacts on the sandbank and about fishing. Another venture observed here and also designed as industrial port is the Port Complex of Suape, located 40 km from Recife, Pernambuco. Conceived in order to not only meet the demand of the region, but being able to generate new demands, Suape has been consolidated as a key economic development of the state. In this sense, the present work aims to make a comparative analysis between the (potential and existing) effects of the construction of the Port of Açú and the changes occurring in the catchment area of the Port of Suape, as the expropriation of traditional populations, the exodus rural, the population growth and social tension related to the control of natural resources.

Key words: Production of the space. Industrial port. Environmental conflicts.

Introdução

A região Norte Fluminense vem passando por expressivas transformações nas últimas décadas. Atualmente, a região produtora de petróleo é também palco do maior empreendimento porto-indústria da América Latina, o Complexo Industrial do Superporto do Açú, ainda em construção e localizado na porção sul do município de São João da Barra. O Porto do Açú se caracteriza por um novo tipo de porto que é denominado MIDAs (Maritime Industrial Development Areas), tendo sua retroárea destinada para atividades industriais, o que facilita logisticamente o escoamento de insumos e da produção, mas que, ao mesmo tempo, exige uma grande área para sua construção (QUINTO, 2011). Desta forma, sua instalação está provocando impactos diretos sobre municípios localizados desde o Estado de Minas Gerais até o Rio de Janeiro, sobretudo, em Campos dos Goytacazes e em São João da Barra. O V Distrito do Açú, em São João da Barra, vem sofrendo com a transformação de sua área rural em área de expansão industrial, o que tem gerado conflitos socioambientais como desapropriação de pequenos produtores, desorganização da agricultura familiar e queda da produção agropecuária, segundo Quinto (2011).

Outro grande empreendimento aqui observado, e também concebido como porto-indústria, é o Complexo Portuário de Suape, localizado a 40 km de Recife, em

Pernambuco. Idealizado com o intuito de não apenas atender à demanda da região, mas ser capaz de gerar novas demandas, Suape vem se consolidando como peça fundamental do desenvolvimento econômico do estado. No entanto, muitos conflitos pelo controle da terra marcam a produção desse espaço, que parece estar mais ligada às lógicas externas de controle.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo estabelecer uma análise comparativa entre os (possíveis e já existentes) efeitos da construção do Porto do Açú e as transformações ocorridas na área de influência do Porto de Suape sobre o campo, como a desapropriação das populações tradicionais, o êxodo rural e uma tensão social relacionada ao controle dos recursos naturais. Pretende-se ainda, ao comparar os dois processos, estabelecer uma aproximação conceitual com a ideia lefebvriana de “produção do espaço” a partir de uma vertente crítica, que parte do pressuposto que o espaço é um produto social, e, portanto, o lugar onde as relações capitalistas se reproduzem e se localizam com todas as suas manifestações de conflitos e contradições.

A produção do espaço capitalista e o aparecimento dos conflitos socioambientais

Como arcabouço teórico, este trabalho utiliza a noção de “produção” e “reprodução” do espaço de Henri Lefebvre. Para esse autor, o espaço é historicamente produzido pelo homem, à medida que este organiza política e economicamente a sua sociedade, e reflete, portanto, as relações conflitantes entre o capital e o trabalho (SOUZA, 2009). Desta forma, o espaço possui elementos abstratos e concretos, “que o fazem um instrumento e um meio de produção da sociedade, além de ser um meio de controle e instrumento de dominação e de poder imbuídos de contradições e conflitos.” (BARROS e SILVEIRA, 2010).

Assim, os espaços construídos dentro da lógica capitalista seriam homogêneos, fragmentados e padronizados de acordo com a racionalidade capitalista, e utilizados como instrumento de dominação. Seriam, portanto, “espaços abstratos”. “Por sua vez, o espaço social trata do espaço dos “valores de uso” produzidos pela complexa interação de todos os agentes sociais no cotidiano.” (LEFEBVRE apud BARROS e SILVEIRA, 2010). Da interação dialética entre esses dois espaços, surge o espaço das diferenças,

fragmentado pela resposta da sociedade local à implosão de uma ordem distante. Assim, a ordem próxima refere-se aos espaços de representações (diferenciais) imediatas, que espelham as especificidades que não conseguem ser coagidas pela abstração do espaço (SOUZA, 2009).

A partir dessa perspectiva, pode-se identificar o aparecimento de conflitos socioambientais, que resultariam de um conflito entre interesses privados e bens coletivos que se desenrolam na tensão entre os múltiplos usos dos recursos naturais num dado território ou espaço (ACSELRAD, 1992 apud SILVEIRA, 2010). Ou seja, haveria um conflito entre os atores do espaço abstrato e os atores do espaço concreto, surgindo, no entanto, espaços diferenciais que se opõem à lógica mercadológica de apropriação do espaço.

O Complexo Industrial do Superporto do Açú

As últimas décadas do século XX e o início do século XXI são marcadas por profundas mudanças no processo produtivo. O processo de globalização traz consigo novas exigências logísticas e organizacionais, e nesse contexto a atividade portuária ganha uma nova importância no cenário global. O processo de “conteneurização” dos portos na década de 1970 instituiu um sistema de transporte que reduz a perda de cargas de maneira drástica, exigindo mudança no *layout* e na concepção de relacionamento do porto com as cadeias produtivas. Havendo grande dificuldade para a expansão dos terminais de contêineres em portos já existentes, faz-se necessária a construção de novos portos afastados de áreas urbanas (QUINTO, 2011).

O Complexo Industrial do Superporto do Açú, da LLX, empresa de logística da *holding* EBX, está inserido nessa nova lógica portuária, pois atende à demanda de portos com capacidade para receber navios de grande porte, e concentra em sua retroárea atividades industriais, o que exige um espaço muito grande para sua construção, como pode ser visto claramente na Figura 1. Nesse sentido, compreende-se a escolha da região para sua implantação, já que se configurava vasta área, apresentando baixo custo e, ao mesmo tempo, relativa proximidade dos maiores centros do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

O Complexo do Açú receberá siderúrgicas, polo metal-mecânico, unidade de armazenamento e tratamento de petróleo, estaleiro, indústrias *offshore*, plantas de pelotização, cimenteiras, termoelétrica e indústrias de tecnologia da informação (*site* LLX), destacando-se como uma alternativa aos portos da região, e como proposta de desenvolvimento regional para o Norte Fluminense.

O empreendimento conta com a parceria do governo estadual, por meio da CODIN (Companhia de Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio de Janeiro), que tem sido a agente da desapropriação das áreas destinadas a atividades industriais ligadas ao porto, como o estaleiro e a siderúrgica. Fica claro que o Porto do Açú, apesar de estar afastado de áreas urbanas consolidadas, está se caracterizando como fator de aglomeração que atrairá conflitos com as estruturas urbanas e rurais existentes.

O Complexo Industrial Portuário de Suape

Situado ao sul da região metropolitana de Recife, o Complexo Industrial Portuário de Suape abrange cinco municípios na sua área de influência direta e indireta: Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes, Moreno e Escada. O Complexo vem se destacando como importante polo de desenvolvimento da região Nordeste, como um concentrador e distribuidor de cargas nas áreas de bens e serviços para o setor naval, *offshore*, de petróleo e gás natural.

Atualmente, o porto conta com mais de noventa empresas implantadas ou em fase de implantação, apresentando uma atração de capital privado na ordem de bilhões de dólares. Portanto, Suape pretende se consolidar como alternativa *hubport*, e, para isso, “ (...) predominam as estratégias competitivas que fazem do território um recurso para a reprodução do capital, submetendo o espaço local a centros de comandos dessas empresas ligadas à atividade portuária” (MACHADO, 2009).

Para sua construção, desde a década de 70, foi necessária a desapropriação de 13,5 mil hectares (aproximadamente 130 km²) de áreas de antigos engenhos de açúcar, anteriormente destinadas à reforma agrária e ocupadas por pequenos produtores (BARROS e SILVEIRA, 2010).



Figura 1: Completo Industrial Portuário do Açú, SJBarra
Fonte: <http://www.llx.com.br>, 2012



Figura 2: Completo Industrial Portuário do Suape, Recife
Fonte: <http://pedesenvolvimento.com/suape>, 2012

Uma análise comparativa entre a situação do campo na área de abrangência nos Complexos Portuários do Açú e de Suape

Pela análise dos projetos de construção e de implantação dos dois Complexos industriais e portuários, podem-se traçar variados paralelos. Os dois empreendimentos aspiram à categoria de *hubport*, e contam com a expressiva atuação e poder da iniciativa

privada na tomada de decisões, e com a conivência do Estado na realização de seus interesses. E cabe destacar, como maior preocupação da presente pesquisa, o fato que, em ambos os Complexos, o discurso oficial das empresas é o da responsabilidade socioambiental, e na prática, nos dois casos, a desapropriação de médios e pequenos produtores rurais, a ameaça ao meio ambiente, enfim, os conflitos socioambientais são identificados. A seguir, são apresentados fragmentos dos projetos de responsabilidade ambiental do Complexo do Açú e do de Suape, respectivamente: “Realizamos nossas atividades respeitando o meio ambiente, agindo com responsabilidade social e contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico das regiões onde atuamos.” (*site da LLX*). E: “O Complexo de Suape estrutura um crescimento em bases sólidas e com vistas ao futuro para essas e para as próximas gerações. Adota, desde sua criação (ainda na década de 70), uma política preventiva, construtiva e de compensação ambiental.” (SUAPE, 2012)

Segundo Silveira (apud BARROS e SILVEIRA, 2010), ao todo vinte e sete comunidades são afetadas pelo Complexo de Suape, entre pescadores e pequenos produtores. Na ilha de Tatuoca, localiza-se o Estaleiro Atlântico Sul,

um dos empreendimentos mais impactantes do ponto de vista ambiental e social pela magnitude de alterações geológicas na bacia estuarina, supressão de manguezais com perda de biodiversidade, alteração de paisagem, poluição atmosférica, e realocamento de populações tradicionais (BARROS e SILVEIRA, 2010).

Outras comunidades são afetadas pelas barragens construídas para o abastecimento hídrico de Suape. Além disso, muitas áreas de tradicional ocupação são desapropriadas para a criação de Unidades de Conservação.

Uma dinâmica de conflitos, no que diz respeito ao controle do território envolvido e na apropriação dos recursos naturais, também pode ser identificada no Açú. O Complexo já desapropriou várias comunidades do V Distrito de São João da Barra, já alterou a macrodrenagem da região para abastecimento próprio, iniciou a obra de construção de um estaleiro, alterou a pesca local, e a paisagem rural cada vez mais dá lugar a uma urbanização que parece não atender aos interesses de todos os grupos envolvidos, assim como em Suape:

A principal alteração desse processo capitalista de (re)produção do espaço consiste na conversão do uso da terra do rural para o urbano com prejuízos para os pequenos produtores rurais que vivem há gerações nas terras de Suape e que estão sendo expropriados pelo Estado para consolidação do complexo, acarretando consequentes migrações de populações rurais para áreas urbanas periféricas. (BARROS e SILVEIRA, 2010).

Em Cabo de Santo Agostinho, localizado na Mesorregião Metropolitana do Recife, Microrregião de Suape, a agropecuária (15,2%), que em décadas passadas dominou o mercado de trabalho, é hoje superada pela indústria (38,29%), e pelos serviços (35,74%), como aponta a Tabela 1. Um outro dado é o grau de urbanização do município, que em 1980 era de 78,6%, passando a 87,9% em 2000.

Tabela 1: Mão de obra — Pessoas ocupadas por atividade econômica

Tabela 11: Mão-de-obra – Pessoas Ocupadas por Atividade Econômica									
Agropecuária	%	Indústria	%	Comércio	%	Serviços	%	Total	%
5 658	15,2	14 254	38,29	4 012	10,77	13 309	35,74	37 233	100,0

Fonte: Perfil Socioeconômico e Ambiental de Cabo de Santo Agostinho – PE, 2003

A partir dos dados apresentados nas Figuras 3 e 4, pode-se questionar a ideia de que o Porto do Açú estaria sendo construído em uma área improdutiva e que sua construção não acarretaria impactos para a economia local, justificando a desapropriação de terras empreendida pelo governo do estado. Ou seja, as necessidades locais estão sendo ignoradas em detrimento dos interesses industriais e portuários, o que se confirma no segundo gráfico sobre a participação dos gastos em agricultura.

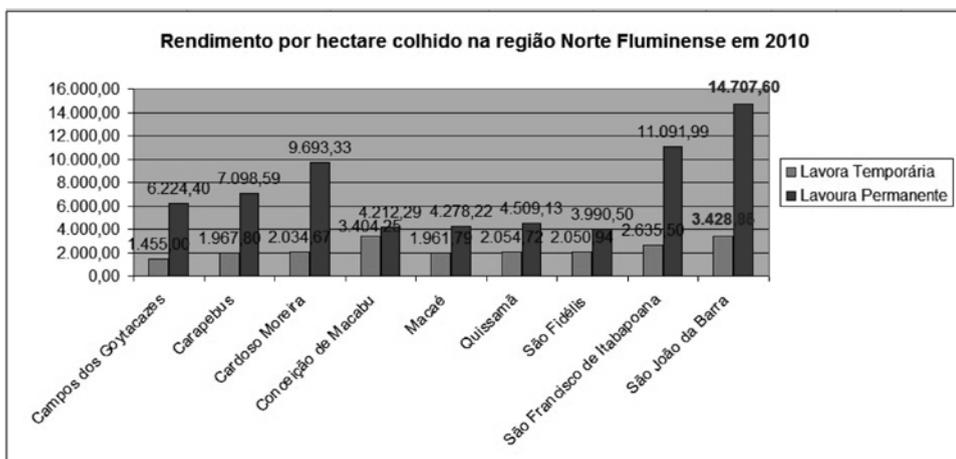


Figura 3: Rendimento por hectare colhido na região Norte Fluminense, 2010

Fonte: IBGE, 2010



Figura 4: Percentual de participação nas despesas orçamentárias liquidadas em São João da Barra
Fonte: IBGE, 2010

Nos dois processos, no entanto, há uma forte organização de movimentos de resistência aos processos de desapropriação e de desrespeito ao ambiente, como se pode constatar a partir de entrevistas com moradores locais. Desta forma, entende-se aqui que Suape e Açu exemplificam as contradições e os conflitos oriundos da tensão entre o “espaço abstrato” e o “espaço social”, denominados por Lefebvre:

A tensão entre "espaço abstrato" (espaço concebido e planejado para a produção industrial e portuária) e o "espaço social" (dos múltiplos usos, inclusive dos pequenos agricultores posseiros e residentes na área de Suape) tem se tornado um catalisador do surgimento de "espaços diferenciais", muitas vezes materializados e evidenciados nos conflitos socioambientais manifestos, mediante resistência organizada ao "espaço abstrato" que busca impor continuamente sua ideologia de organização espacial em favor dos interesses do Estado e da classe capitalista. A solidariedade entre os despossuídos para a construção da cidadania é evidenciada, em todos os momentos, na luta por seus direitos. (BARROS e SILVEIRA, 2010).

Agricultores do V Distrito de São João da Barra, bem como associação de moradores e entidades de defesa dos direitos humanos já manifestaram publicamente as arbitrariedades e injustiças que vêm sendo cometidas no processo de desapropriação. Merece destaque a atuação da Associação dos Produtores Rurais e Imóveis (ASPRIM), que reúne proprietários e possuidores do 5º Distrito de São João da Barra, que lutam contra as imposições do Estado, e este ao invés de propor negociações justas e regular o controle

dos recursos e da terra, contribui para a ampliação dos conflitos socioambientais em nome dos interesses do grande capital:

Os expropriados e excluídos das políticas socioambientais vigentes não se constituindo vítimas passivas desse processo injusto, passam a criar seus “espaços diferenciais” mediante organização de movimentos sociais, manifestando seus desacordos, suas dificuldades, suas revoltas e suas reivindicações, se colocando também como portadores de projetos alternativos de interação com o meio ambiente, mas não tendo a força política do capital. (SILVEIRA, 2010).

Defende-se aqui uma inversão da lógica da competitividade capitalista, que com o apoio do Estado, acaba por construir novos espaços sem o benefício de toda a sociedade, assim como do ambiente.

Resultados e discussão

Para a elaboração deste trabalho, está sendo realizado levantamento bibliográfico e documental, assim como visitas técnicas, saídas de campo e entrevistas com a população local. Como resultado preliminar, destaca-se que, tanto em Suape como no Açu, o processo de ocupação da terra e a produção de novos espaços vem atendendo aos interesses das classes dominantes envolvidas nos empreendimentos, em detrimento dos interesses sociais e ambientais, e modificando o espaço rural em detrimento das atividades urbanas. No entanto, deve-se ressaltar que, nas duas situações, a resistência se faz presente por meio dos movimentos sociais e da formação de “espaços diferenciais”, o que só comprova a concepção de Lefebvre que desconsidera o espaço como inocente, não político, isolado do contexto social e da luta.

Referências

BARROS, André Paulo de e SILVEIRA, Karla Augusta. A produção do espaço rural-urbano e seus rebatimentos nos conflitos socioambientais na área de Suape, Pernambuco - Brasil. Cad. CERU [online], v. 21, n.1, p. 163-179, 2010. ISSN 1413-4519.

CAVALCANTI, Clóvis. Desenvolvimento a Todo Custo e a Dimensão Ambiental: O Conflito do Complexo Industrial-Portuário de Suape, Pernambuco. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO E CONFLITOS AMBIENTAIS, 1., 2-4 de abril (2008). Fafich–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Trabalho apresentado...

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 29 abr. 2012.

LEFEVBRE, Henri. Espacio y política. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

LLX. Disponível em <<http://www.llx.com.br/htm>>. Acesso em: 12 abr. 2012

MACHADO, T.; ANDRADE, João Gabriel Nascimento; PONTES, Emílio Tarlis Mendes ; NOVA, F. V. P. V. O Espaço de Fluxos e novas materialidades: o porto de Suape- PE. In: ENCONTRO DOS GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, EGAL, 1., 2009. Anais...

MONIÉ, Frédéric; VIDAL, Soraia Maria do S. C. Cidades, portos e cidades portuárias na era da integração produtiva. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br//.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034761220060006000>.

PERFIL socioeconômico e ambiental de cabo de santo agostinho – PE. Disponível em: <<http://www.cprh.pe.gov.br/downloads/pnma2/projeto-orla-cabo/3.1analise-situacional.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2012.

PREFEITURA DE CABO DE SANTO AGOSTINHO. Disponível em: <<http://www.cabo.pe.gov.br/>>. Acesso em: 3 maio 2012.

QUINTO JUNIOR, L. P. ; FARIA, Teresa P ; CARVALHO, Livia Silvia . Implantação de um Complexo Industrial Portuário: O Caso do Porto do Açú. Agenda social (UENF), v. 5, maio/ago. 2011.

QUINTO JUNIOR, Luiz de Pinedo; IWAKAMI, Luiza Naomi. Projeto Porto do Açú: Nova frente urbana de um porto privado. In: ENANPUR – ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO REGIONAL, 13., 2009, Florianópolis-SC.

RELATÓRIO dos impactos socioambientais do Complexo Industrial Portuário do Açú – AGB, Rio de Janeiro, set. 2011,

SILVEIRA, Karla Augusta. Conflitos socioambientais e participação social no Complexo Industrial Portuário de Suape, Pernambuco. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento e meio ambiente) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SOUZA, Charles Benedito Gemaque. A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia. Confins, v. 5, p. 5, 2009.

SUAPE. Disponível em: <<http://www.suape.pe.gov.br/htm>>. Acesso em: 29 abr. 2012.

VAINSENER, Semira Adler. Suape - Porto e Complexo Industrial. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 6 ago. 2009.